

Conteúdo do curso de Web TV para os telecentros

Material para os oficinairos -

Conteúdo –

Noções básicas de: -

a) introdução

a1) visão geral sobre o histórico do cinema;
surgimento,

A **invenção da fotografia**, e sobretudo a da fotografia animada, foram momentos cruciais para o desenvolvimento não só das artes como da ciência, em particular no campo da antropologia visual. O cinema existe graças à invenção do cinematógrafo, inventado pelos Irmãos Lumière no fim do século XIX.

Em 28 de dezembro de 1895, na cave do Grand Café, em Paris, realizaram os dois engenhosos irmãos a primeira exibição pública e paga da arte do cinema: uma série de dez filmes, com duração de 40 a 50 segundos cada (os primeiros rolos de película tinham apenas quinze metros de filmes

A década de 20 é marcada pelo espírito do pós-guerra e a diversidade das produções cinematográficas são reflexo disso mesmo. Nos EUA, os talentos de Charlie Chaplin, Buster Keaton e Harold Lloyd dominam na comédia, Cecil B. De Mille continua a realizar melodramas carregados de sensualidade e os primeiros filmes de gangsters e documentários fazem a sua aparição. Na Europa, as experiências vanguardistas de Man Ray e Luis Bunuel marcam a França do pós-guerra e a Alemanha vive, na primeira metade da década, a era de ouro do expressionismo alemão. Após anos de filmes de propaganda, o cinema soviético (controlado pelo estado) torna-se num centro criativo, cujo expoente máximo são as obras de Sergei Eisentein. Por sua vez, a Índia vive uma década extremamente positiva, produzindo cerca de 100 filmes por ano

1915

– A estreia do filme O Nascimento de uma Nação, de D. W. Griffith, torna-se um acontecimento social. O filme tem a sua própria banda sonora (que se torna um êxito) e o preço do bilhete custa \$2 dólares, o mesmo que uma entrada para o teatro. O filme provoca protestos anti-racistas, levando o presidente americano a condenar o filme.

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclubes.com.br

1918

- A Warner Bros. distribui o seu primeiro filme e a Ebony Film Corporation distribui o primeiro apenas com actores negros.

1922

- O explorador Robert Flaherty realiza o primeiro documentário do mundo, Nanuk, o Esquimó, sobre o dia a dia de uma família de esquimós.

1925

- Os dinossauros fazem a sua primeira aparição nos ecrãs de cinema no filme The Lost World, cujos efeitos especiais são criados por Willis O'Brien, que mais tarde seria o responsável pelos efeitos do filme King Kong.

1927

- O final da década viria a ser marcada por um dos mais importantes acontecimentos da história do cinema: a exibição do primeiro filme sonoro. Muito embora as experiências de Thomas Edison, foi a pequena empresa Vitaphone (criada pela Warner Bros. e pela Wester Electric) a desenvolver um sistema eficaz e a produzir as primeiras curtas-metragens sonoras em 1926 e um ano mais tarde a primeira longa-metragem sonora: O Cantor de Jazz, realizada por Alan Crosland e interpretação de Al Jolson

No Brasil, são exibidos pela primeira vez filmes com som sincronizado, utilizando um disco que tocava ao mesmo tempo que era exibido o filme.

A década não terminaria sem mais um acontecimento importante e que iria influenciar a economia mundial, incluindo a indústria cinematográfica: a queda da bolsa de Nova Iorque em Outubro de 1929 e o início da depressão económica

- A exibição do filme The Covered Wagon populariza os filmes de cowboy

É criada, nos EUA, a Academia das Artes e Ciências das Imagens em

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclube.com.br

Movimento, que atribuirá em 1929 os primeiros prémios de excelência, conhecidos por Óscares

» 1929

– A Academia das Artes e Ciências Cinematográficas realiza a primeira cerimónia de entrega dos Óscares.

Em O Couraçado de Potemkin, o realizador Sergei Eisenstein introduz a técnica da montagem.

– Os estúdios de Hollywood impõem regras de conduta a si próprios a proibir a exibição de escravatura branca, romance inter-racial e o uso de drogas.

O pós guerra na europa

O pós-guerra na Europa é marcado pelas medidas contra o cinema americano, na tentativa de desenvolver as várias cinematografias nacionais. O melhor exemplo é a criação, em França, do Centre National de la Cinématographie (CNC), ainda hoje um importante pilar na indústria cinematográfica francesa.

A guerra leva o cinema para usa

Ao contrário da Europa, a produção cinematográfica americana do início da década é pujante e capaz de produzir filmes tão diversos como: Vinhas da Ira (drama social), Rebecca (thriller), Casamento Escandaloso (comédia) e O Grande Ditador (sátira). Com a entrada do país na guerra, Hollywood contribuiu também com a sua parte, quer através do recrutamento de actores e outros criativos para a frente de batalha, quer com a produção de filmes de “propaganda”: recorde-se o trabalho do realizador Frank Capra para o exército e filmes de ficção como Mrs. Miniver, Since you Went Away, This is the Army, Thirty Seconds Over Tokyo e, o melhor exemplo de todos, Casablanca.

1) Inserção do negro no cinema – através das cotas

A explosão do Cinema Negro

O Blaxploitation ficou conhecido como o género de cinema que mostrava os

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclube.com.br

guetos negros dos EUA nos anos 70, levando para as telas de todo o país a maneira de eles se vestir, falar, ouvir música, enfim, toda a cultura negra na cidade grande e a forma de resistir a uma cena de repressão, segregação e racismo que vinha de longe

Apesar de experiências anteriores com produções com diretores e elenco totalmente negros (o primeiro filme assim data de 1919 e se chama *The Homesteader*), foi a aventura pessoal empreendida pelo fotógrafo e ativista Melvin Van Peebles, que é considerado o marco zero do blaxploitation. A produção *Sweet Sweetback's Badaass Song* reunia pela primeira vez todas as características que definiram o gênero: produção independente de baixo orçamento, tendo como personagem principal um anti-herói negro em conflito com o poder estabelecido. E claro, uma trilha sonora matadora do *Earth, Wind and Fire*.

2) Spike Lee – *Malcom X*, faça a coisa certa - o plano perfeito

Malcom X, do realizador Spike Lee, é financiado por elementos da comunidade negra de Hollywood, mas o filme gera controvérsia entre a comunidade, nomeadamente entre alguns intelectuais, que questionam a capacidade de Lee em “contar” a história do carismático líder.

Economia do cinema hollywood

À entrada da década de 90, os blockbusters continuavam a dominar Hollywood, mas os seus custos eram cada vez maiores e incontroláveis. Filmes com orçamentos de \$100 e \$200 milhões de dólares tornaram-se comuns devido aos custos dos efeitos especiais, mas principalmente devido aos salários das estrelas, que podiam atingir os \$20 milhões de dólares por filme. Com estes custos grande parte das produções estavam condenadas a perder dinheiro, mas o sucesso de filmes como *Exterminador Implacável 2*, *Parque Jurássico*, *Forrest Gump* e, principalmente, *Titanic*, desafiavam a lógica e sustentavam a economia de Hollywood.

Hollywood viu-se, então, confrontada com uma nova realidade, que teve o seu ponto alto no final da década quando a produtora independente Miramax dominou, quase por completo, os Óscares. Mais surpreendida ficou quando o filme de baixo orçamento *O Projecto Blair Witch* (1999) arrecadou mais de \$140 milhões de dólares, tornando-se num dos mais lucrativos filmes da história do cinema e obrigando Hollywood a levar a sério a internet como meio de comunicação.

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclubes.com.br

(venda do americanway – cigarro, roupas, armas, etc, wester americano O western é outro género cinematográfico em alta durante a década de 50 , destacando-se obras de realizadores como John Ford, Howard Hawks, Anthony Mann, entre outros.

Western americano x spaghetti italiano

Spaghetti western ou **Bang-bang à italiana** é um subgénero *western* de produção italiana das décadas de 1960 e 1970, muitas vezes com a participação de atores famosos, mesmo em início de sua carreira que mais tarde viriam a tornar-se estrelas internacionais. Essas produções foram geralmente filmados na **Itália** ou na **Espanha**.

Graças a este género prolífico, por cerca de quinze anos (incluindo aproximadamente entre 1964 e 1978) o *western* experimentou uma renovada popularidade na Itália, após um período de declínio. O género também foi bem sucedido fora da Itália, influenciando os temas e convenções do género *western* de produção não-europeu.

Um tributo foi prestado ao género no decorrer do **Festival Internacional de Cinema de Veneza**, em 2007, com uma retrospectiva de 32 títulos.

filmes de guerra

1941

- À medida que a entrada dos Estados Unidos na 2ª Grande Guerra se torna cada vez mais evidente, os filmes de guerra tornam-se populares junto do público

-- Com a entrada dos Estados Unidos na guerra, cerca de 40.000 dos 240.000 trabalhadores da indústria cinematográfica entram para o exército.

Devido à guerra, Hollywood sofre restrições que vão afectar a rodagem e a estreia de filmes.

- Com o recrutamento de muitos das suas estrelas masculinas, Hollywood sente dificuldade em encontrar protagonistas para os seus filmes.

O governo americano cria o Gabinete de Informação de Guerra (Office of War Information) para coordenar a propaganda de guerra e os laços com Hollywood. Uma das suas práticas é a censura cinematográfica.

apoio as investidas americanas de venda de armas e conquistas

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclube.com.br

– propaganda do Hitler –
(manual do Felipe)

surgimento dos super heróis- superman, Capitão américa
Tudo começou com dois jovens tímidos de Cleveland, nos Estados Unidos. De origem judaica, Jerry Siegel desde moleque era fã de ficção científica. Sua maior aspiração era se tornar escritor. No ensino médio, ele conheceu Joe Shuster, nascido no Canadá, mas criado em solo americano. Além da habilidade para desenhar, Joe tinha um interesse pelo fisiculturismo. A união das paixões de ambos, na hora certa, produziu uma revolução cultural que ecoa até hoje. Em algum ponto de 1935, a dupla foi responsável pela criação do Superman.

E assim nasceu a indústria (ou seria a mitologia?) dos super-heróis. Ou, pelo menos, essa é a versão que os fãs de quadrinhos costumam propagandear. Há, contudo, um lado bem menos romântico acerca dos eventos que deram ao mundo a versão moderna dos deuses e semideuses gregos. E ela envolve gângsteres, trapaceiros do pior tipo e até mesmo pornografia.

É uma grande ironia que os maiores defensores do bem tenham nascido de um meio em que a ética era tão dúbia, mas foi assim que aconteceu, naqueles estranhos anos do começo do século 20 nos Estados Unidos.

Dois eventos históricos singulares foram fundamentais para criar o pano de fundo que daria origem à indústria dos quadrinhos. O primeiro deles tem origem em 1920, quando o governo americano instituiu a Lei Seca - proibindo a fabricação, o transporte e a comercialização de qualquer bebida alcoólica nos Estados Unidos.

É criada, nos EUA, a Academia das Artes e Ciências das Imagens em Movimento, que atribuirá em 1929 os primeiros prêmios de excelência, conhecidos por Óscares

A Academia das Artes e Ciências Cinematográficas realiza a primeira

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclubes.com.br

cerimónia de entrega dos Óscares.,milhoes de investidos para premiar apenas 1 filme estrangeiro

- Os negros e o oscar – Sidney Potier, Sidney Poitier é o primeiro actor negro a vencer o Óscar para melhor actor pelo filme Lilies of the Field.

Devido ao assassinato de Martin Luther King, Jr. a cerimónia de entrega dos Óscares é adiada dois dias.

Denzel Washington, o filme doze anos de escravidão
Os Estados Unidos são governados por um presidente negro (Barack Obama). São a terra de dois dos maiores líderes afro-descendentes de que se tem notícia: Martin Luther King e Malcolm X. Têm artistas e entertainers do porte de Spike Lee, Oprah Winfrey, Beyoncé e Denzel Washington. Mas não consegue se resolver com sua história de intolerância racial.

Foi preciso que um cineasta inglês atravessasse o Atlântico para que a trajetória do norte-americano Solomon Northup --homem nascido livre, mas transformado em escravo-- pudesse ser contada. "12 Anos de Escravidão" só saiu do papel depois que um grupo de britânicos resolveu combater a incapacidade que o cinema dos Estados Unidos tem quando o assunto é a escravatura.

Os Estados Unidos fazem longa-metragens há cem anos e até hoje não haviam conseguido realizar um trabalho de excelência sobre o assunto. E o problema não é apenas qualidade, mas quantidade. Poucos filmes americanos têm a escravidão como tema central.

As listas de produções, melhores ou não, sobre o assunto geralmente circulam a partir de um universo de 15 a 20 títulos, entre eles "Raízes" (uma série de TV), "Mandingo", "Tempo de Glória", "Bem Amada" e até "Django Livre",

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclubes.com.br

abrindo inclusive várias exceções para longas que apenas tocam no tema, sem se dedicar exatamente a ele, como o recente "Lincoln", de Steven Spielberg, e o clássico "...E o Vento Levou", de Victor Fleming.

O diretor Steve McQueen não apenas tomou a iniciativa de se lançar sobre o assunto como se aproveitou de uma vergonhosa lacuna na filmografia americana. Nem cineastas conhecidos por abraçar a questão étnica, como Spike Lee ou John Singleton, se aventuraram sobre o assunto, preferindo temas mais atuais. Os elogios rasgados a "12 Anos de Escravidão", que vem sendo classificado como o melhor filme já feito sobre o assunto, têm sua pertinência, embora o longa seja o mais convencional de um cineasta formal e tematicamente ousado, para o bem ou para o mal.

Os três atores indicados ao Oscar 2014 estão bastante corretos, mas não guardam grandes cenas. Michael Fassbender é o que empresta mais nuances para seu senhor de escravos, enquanto Chiwetel Ejiofor não faz muito para dar mais corpo ao drama de seu Solomon. A jovem Lupita N'Yonggo reproduz um estilo de interpretação no estilo "força da natureza" que funciona muito bem, mas não é nenhuma novidade. Sarah Paulson, por exemplo, não foi lembrada por nenhum prêmio de críticos, mas está tão bem quanto qualquer um do elenco. O ponto realmente negativo é a entrada de Brad Pitt em cena, com um personagem óbvio e didático.

O longa é um trabalho sério, tecnicamente e plasticamente muito bem realizado, envolvendo vários talentos, mas o impacto do filme deixa bastante a desejar para quem teve a experiência de assistir aos folhetins escravagistas que a teledramaturgia brasileira produziu. As famosas cenas de violência só são melhor filmadas, mas seu conteúdo não guarda grandes diferenças do que vimos em "A Escrava Isaura" ou "A Força de um Desejo".

Embora seja um bom filme, "12 Anos de Escravidão" só se tornou "o melhor filme sobre a escravidão" porque não tem concorrentes a altura. Nada produzido até agora teve a mesma relevância, um primeiro time de realizadores envolvido ou aclamação crítica.

Num ano com condições normais de temperatura e pressão, dificilmente perderia o Oscar, mas seus principais rivais têm crescido e a caravana dos ingleses, embora ainda guarde muitas chances, pode voltar para casa sem a coroa pela ousadia de contar uma história americana.

- cinema alternativo de formas de sustentabilidade, distribuição e produção (Nigéria)

Nollywwod

Um fenômeno que não pode deixar de ser referido é o que está ocorrendo na África, especialmente a partir da Nigéria. A produção e difusão audiovisual naquele país se estruturaram em bases diferentes do modelo hollywoodiano e se tornaram, atualmente, das mais importantes do mundo. Além de sustentar um modelo econômico muito próprio, o “cinema” nigeriano produziu efeitos culturais absolutamente inéditos naquele continente abandonado pela globalização e consumido pelo legado da colonização: despotismo, corrupção, penúria e doença.

Na África negra, principalmente, praticamente não existe produção de cinema. Nos herdeiros da colonização francesa, uma produção ocasional, apoiada pela antiga metrópole, revela esporadicamente talentos importantes, que se expressam em francês. No restante do continente, nem sequer isso. A Nigéria, ex-colônia inglesa, não só não produzia cinema como, desde os anos 80, viveu a desarticulação de seu parque exibidor. O modelo de rentabilidade, mais do que aqui, não tinha espaço numa economia mais precária que a nossa. A própria instabilidade do país e a insegurança em Lagos e outras cidades acelerou o fechamento dos cinemas. Outro fator fundamental para a falência do modelo de cinema foi, sem dúvida, a grande diferenciação cultural dos segmentos que compõem a população nigeriana (140 milhões de pessoas) e seu enorme distanciamento dos padrões estéticos de Hollywood. Tudo isso contribuiu para o surgimento de uma produção de narrativas próprias em vídeo, que paulatinamente foram se organizando num modelo sustentável – e lucrativo – de produção, distribuição e consumo.

O modelo de “filme nigeriano” é o de uma produção barata (cerca de 25 mil dólares), filmada em prazos muito curtos e com precariedade de recursos narrativos. No entanto, desde os anos 80, essa produção foi consolidando sua

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclubes.com.br

base material, acumulando recursos econômicos, técnicos e estéticos. Integrando o imaginário local e as estruturas sociais e culturais das maiores etnias nigerianas, esse novo cinema criou uma vigorosa raiz na cultura popular e construiu um alicerce econômico para o seu desenvolvimento.

Hoje a Nigéria tem uma indústria de cinema, apelidada de Nollywood, baseada em tecnologia digital, que coloca o país entre os maiores produtores mundiais, com mais de mil títulos produzidos anualmente, ou cerca de 30 títulos lançados semanalmente. A distribuição é feita através de lojas e locadoras – cada filme com uma média de 15.000 cópias, mas alguns chegam à centena de milhares de DVDs – e de salas de exibição bem simples, onde o ingresso custa poucas nairas (moeda local). O faturamento aproximado dessa indústria é de 250 milhões de dólares anuais. E, mais que isso tudo, essa produção permitiu a expressão de diversas culturas, com um número muito significativo de filmes falados em iorubá, principalmente, em igbo, hauçá e em pidgin (patoá nigeriano do inglês), fato inédito e de incomensurável importância na realidade africana.

Se lembrarmos o número de câmeras a que a juventude brasileira tem acesso, o vigor das formas de expressão artística – novas ou tradicionais - que vêm das periferias do mercado formal, e os campos que se abrem, ainda sem limites visíveis, no terreno da difusão virtual, certamente o modelo de Nollywood pode nos dar o que pensar...

bollywood (Índia) ,

O cinema no Brasil –

1) Quando iniciou – (cinema mudo)

No Brasil, o cinema mudo chega às principais capitais brasileiras no início da década de 20, através do movimento nacional pró-cinema, promovido pela publicidade das revistas Para Todos e Selecta, na época, os maiores veículos de comunicação de massa. Em sua fase pioneira surgiram os ciclos regionais, que eram os movimentos anti-estrangeirismos. Ou seja, eram filmes produzidos a partir da realidade sociocultural do povo brasileiro. Desses ciclos, o que mais produziu e se destacou foi o de Pernambuco.

2) Estúdios – Vera Cruz – pornochanchadas

Os Estúdios Vera Cruz foi inovador, por dois motivos: Pela Grandiosidade e pela diversidade envolvendo o cinema. E isso tudo partindo de uma única premissa: A ideia de unificar e dar um caráter de fato Brasileiro, ao Cinema Nacional. Com a fundação do Museu de Arte Moderna, e o MASP – Museu de Arte de São Paulo, no final da década de 40, a família Matarazzo, se animou com a ideia trazida pelo então produtor italiano Franco Zampari, e investiu seu capital nos estúdios Vera Cruz. Os primeiros anos dos estúdios foram caóticos, apesar de toda a grandiosidade, e da vontade de fazer realmente “grandes produções”. Os filmes eram filmados nos estúdios que se localizavam em São Bernardo do campo, em São Paulo, e se opunham às chanchadas da Atlântida, outra companhia de cinema. Mas os filmes da Vera Cruz, procuravam ter cuidados especiais com a Estética, e tentavam histórias não tão populares, criando um outro conceito de Cinema

3) cinema novo

A reação ao cinema da Vera Cruz representa o movimento que divulga o cinema nacional conhecido para o mundo inteiro: o Cinema Novo. No início da década de 60, um grupo de jovens cineastas começa a realizar uma série de filmes imbuídos de forte temática social. Entre eles está Gláuber Rocha, cineasta baiano e símbolo do Cinema Novo. Diretor de filmes como “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964) e “O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro” (1968), Rocha torna-se uma figura conhecida no meio cultural brasileiro, redigindo manifestos e artigos na imprensa, rejeitando o cinema popular das chanchadas e defendendo uma arte revolucionária que promovesse verdadeira transformação social e política. Inspirados por Nelson Pereira dos Santos (que, já em 1955, dirigira “Rio, 40 Graus” sob influência do

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclubes.com.br

movimento neo-realista, e que realizaria o clássico “Vidas Secas” em 1964) e pela Nouvelle Vague francesa, diretores como Cacá Diegues, Joaquim Pedro de Andrade e Ruy Guerra participam dos mais prestigiados festivais de cinema do mundo, ganhando notoriedade e admiração.

As décadas seguintes revelam-se a época de ouro do cinema brasileiro. Mesmo após o golpe militar de 1964, que instala o regime autoritário no Brasil, os realizadores do Cinema Novo e uma nova geração de cineastas – conhecida como o “údigrudi”, termo irônico derivado do “underground” norte-americano – continuam a fazer obras críticas da realidade, ainda que usando metáforas para burlar a censura dos governos militares. Dessa época, destacam-se o próprio Gláuber Rocha, com “Terra em Transe” (1968), Rogério Sganzerla, diretor de “O Bandido da Luz Vermelha” (1968) e Júlio Bressane, este dono de um estilo personalíssimo. Ao mesmo tempo, o público reencontra-se com o cinema, com o sucesso das comédias leves conhecidas como “pornoanchadas”

3) recursos para o cinema – leis de incentivo – Embrafilme, hoje Ancine, para o regime, o governo Geisel cria, em 1974, a estatal Embrafilme, que teria papel preponderante no cinema brasileiro até sua extinção em 1990. Dessa época datam alguns dos maiores sucessos de público e crítica da produção nacional, como “Dona Flor e Seus Dois Maridos” (1976), de Bruno Barreto e “Pixote, a Lei do Mais Fraco” (1980), de Hector Babenco, levando milhões de brasileiros ao cinema com comédias leves ou filmes de temática política. O fim do regime militar e da censura, em 1985, aumenta a liberdade de expressão e indica novos caminhos para o cinema brasileiro.

Essa perspectiva, no entanto, é interrompida com o fim da Embrafilme, em 1990. O governo Collor segue políticas neoliberais de extinção de empresas estatais e abre o mercado de forma descontrolada aos filmes estrangeiros, norte-americanos em quase sua totalidade. A produção nacional, dependente da Embrafilme, entra em colapso, e pouquíssimos longas-metragens nacionais são realizados e exibidos nos anos seguintes.

Após o cataclisma do início dos anos 90, o sistema se reergue gradualmente. A criação de novos mecanismos financiamento da produção por meio de renúncia fiscal (Leis de Incentivo), juntamente com o surgimento de novas instâncias governamentais de apoio ao cinema, auxilia a reorganizar a produção e proporciona instrumentos para que realizadores possam competir,

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclubes.com.br

mesmo de modo desigual, com as produções milionárias das majors norte-americanas. Esse período é conhecida como a “Retomada” do cinema brasileiro. Em pouco tempo, três filmes são indicados ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro: “O Quatrilho” (1995), “O Que é Isso, Companheiro” (1997) e “Central do Brasil” (1998), também vencedor do Urso de Ouro do Festival de Berlim. Nomes como Walter Salles, diretor de “Terra Estrangeira” (1993) e “Central do Brasil” e Carla Camuratti, diretora de “Carlota Joaquina, Princesa do Brazil” (1995) tornam-se nomes conhecidos do grande público, atraindo milhões de espectadores para as salas de exibição.

Dina filme (Felipe Macedo)

5) nunca ganhamos oscar como filme estrangeiro No Oscar de 1959 o filme brasileiro ORFEU NEGRO ganhou o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro (Ganhou também a Palma de Ouro em Cannes).

O filme conta a estória de um sambista carioca que apaixonou-se por uma jovem do interior. O filme transpõe para os morros do Rio de Janeiro o mito grego de Orfeu. Trilha musical de Vinícius de Moraes e Tom Jobim.

Apesar do filme ter sido feito no Rio de Janeiro, com música brasileira, elenco brasileiro, atores brasileiros e apenas a direção do francês Marcel Camus, a produção do filme é francesa, portanto, o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro foi para a França (quem produziu) e não para o Brasil... ou seja, o Brasil nunca ganhou um Oscar.

6) tecnologia facilitadora de novas produções(produções de periferia – funk TV – na internet), dança do Romano, deu visibilidade ao bairro trazendo melhorias para população.

Realizadores do cinema independente, que trocam informações sobre cinema. Eles querem exibir [seus filmes], então eles divulgam também quem está fazendo cineclubismo, eles divulgam cursos da área de cinema, divulgam cultura”, Os vídeos do Cinema de Quebrada são inúmeros ,mas destacamos o defina-se produzido em 2002 ,produzido por tiopac morador da cidade tiradentes,esse video retrata a forma que o negro vive da senzala a periferia,ganhador de uma mensão honrosa ,no festival de cinema de quebec no canada ,e um outro em destac do mesmo tiopac é o aqui fora ,curta metragem premiado no festival de cinema de santo andré.

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclube.com.br

tiopac foi inserido no universo cinematográfico graças a sua persistência e a nova tecnologia hoje, ele já assina mais de 15 produções e foi o pioneiro de implantar a primeira tv on line, segundo pesquisa da universidade de São Paulo e hoje vive de ministrar atividades voltadas a audiovisual para moradores de favelas e periferias

7) o negro no cinema – Grande Otelo, Ruth de Souza, Milton Gonçalves

Ruth de Souza

Ruth de Souza chega aos cinemas, primeiro passando pela Atlântida e depois pela Vera Cruz, onde se torna uma de suas musas. É na Vera Cruz que atua em “Sinhá Moça”, o grande momento da sua carreira no cinema, e pelo qual concorre ao prêmio de Melhor Atriz no Festival de Veneza, ao lado de ídolos internacionais como Katherine Hepburn e Lili Palmer. Entre outras atuações notáveis no cinema está a de “Assalto ao Trem Pagador”, clássico dirigido por Roberto Farias, em 1962.

Politicizada e defensora da causa negra, mesmo sem levantar bandeiras, “Eu não levanto nenhuma bandeira, eu deixo o meu trabalho falar por mim”, Ruth de Souza é mesmo presença fundamental no panorama artístico brasileiro.

Grande Otelo

Considerado um dos maiores atores do século XX, Grande Otelo foi um artista multimídia, tendo trabalhado no teatro, rádio, cinema e na televisão. Versátil e dono de uma consagrada expressão facial e corporal, destacou-se como ator, cantor, compositor, sambista e poeta. Seus personagens sempre tiveram um grande apelo popular, desde os tempos do Teatro de Revista, quando participou da Companhia Negra de Revistas, até quando interpretou Macunaína no cinema em 1969. Grande Otelo foi pioneiro e desbravador, primeiro artista negro a ocupar espaço de destaque no cinema e na televisão brasileira.

Desde a infância vivida em Uberlândia, sua cidade natal, Sebastião sempre fora atraído pela rua e pelas manifestações populares, como o carnaval e as congadas. Ainda pequeno foi considerado um menino prodígio, pois atingiu a

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclube.com.br

maturidade artística muito cedo. O filme “O Garoto”, de Charles Chaplin, apareceu como uma influência decisiva no seu encantamento pela carreira de ator. Outra grande influência foi o ator mirim norte americano Allen Clayton Hoskins, que participava da série “Our Gang”. Otelo teve sua primeira experiência como ator aos sete anos, fazendo uma participação no circo que passava pela sua cidade natal.

Na ocasião, Bastiãozinho, como era conhecido, apareceu vestido de mulher interpretando a esposa do palhaço, o que causou enorme comicidade e sucesso.

Milton Gonçalves

O ator, diretor de teatro, TV e cinema Milton Gonçalves é mineiro, da cidade de Monte Santo. De origem humilde, carregou sempre em sua carreira uma preocupação grande em desenvolver uma arte dramática ligada a política, que despertasse nas pessoas a compreensão sobre os problemas sociais e as motivasse a lutar. De sua extensa carreira, podemos destacar sua participação em Arena contra Zumbi, de 63, e Eles não usam black-tie (peça e longa-metragem), ambos de Gianfrancesco Guarnieri; A Pena e a Lei, peça de Ariano Suassuna; Os Fuzis da Sra. Carrar, peça de Bertolt Brecht e Quilombo, de Cacá Diegues, além de inúmeros outros filmes e participações na TV

8) os movimentos de cineastas – dogma da feijoada-sp(Jeferson De –

O autor deste modelo, deste manifesto é o cineasta paulista Jeferson De. Seus preceitos buscam estabelecer um diálogo entre o cinema e a grande massa negra, excluída das telas e do processo de produção audiovisual. Seus idealizadores, mesmo tendo opiniões díspares sobre determinados assuntos, têm em comum uma idéia na cabeça: precisamos ser melhor retratados, seja no cinema ou na TV.

A temática negra é o assunto principal dos filmes sob o selo Feijoada e o principal desafio dos cineastas Ari Cândido Fernandes, Noel Carvalho, Billy Castilho, Rogério de Moura, Jeferson De, Daniel Santiago e Agenor Alves. Protagonizados exclusivamente por atores negros, os filme sob o selo Feijoada devem tratar o negro com realismo, realçando suas características humanas e nunca o mostrar como herói supremo.

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclubes.com.br

Lançado em 2000, o manifesto participou de diversos debates, mostras e festivais, representado principalmente por *Distraída para a Morte de Jeferson De*, que acredita que a divulgação de seu trabalho é a maior arma para mostrar como tratar o negro no cinema e na mídia. Com diversos lançamentos e projetos programados para os próximos anos, o manifesto é uma das únicas empreitadas de cineastas brasileiros que buscam a união da classe em torno do bem comum.

Amigos de bar, divergentes em diversos pontos, críticos de seus trabalhos, os cineastas conversam muito e discutem com fervor os projetos e apontam erros aos companheiros de luta. A discussão em torno do tema, acalourada e aguda em alguns pontos, ganha corpo a cada filme lançado. Como o objetivo de trazer visibilidade para o tema, os filmes e o manifestos mostram ao mundo um Brasil esquecido, secundário e idealizado de forma errônea.

Os negros existentes em nossa mente não estão nos filmes *Feijoadá*. Nos filmes eles não carregam armas, não são heróis e tão pouco serviçais monossilábicos. São pessoas comuns, com histórias próprias e ciente de seu papel na história. Querem falar de seus dramas, do preconceito sofrido e, principalmente, expor e cutucar a ferida que o racismo à brasileira provoca nos negros do país.

Ganhador de Kikitos - *Brother*

Jeferson De

Nascido em Taubaté, no interior de São Paulo, filho de uma costureira e de um torneiro mecânico, Jeferson De estudou a vida toda em escola pública. Contrariando as estatísticas sobre negros e pobres no País, ele se tornou cineasta, formado pela Universidade de São Paulo. Jeferson De tem se destacado no cenário da produção cinematográfica brasileira, por ter estabelecido parcerias com diretores de cinema de sucesso, como Cacá Diegues (*O maior amor do mundo*, *Deus é brasileiro* e *Orfeu*) e Daniel Filho (*Se eu fosse você 1 e 2*, *Primo Basílio* e *A Dona da História*). O primeiro longa-metragem, *Bróder*, marca sua estreia no circuito nacional em grande estilo: o filme ganhou cinco Kikitos no Festival de Cinema de Gramado em 2010 –

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclube.com.br

incluindo melhor diretor e melhor filme -, mais quatro prêmios em Paulínia, além de ter sido selecionado para o Festival de Berlim. Bróder entrou em cartaz em abril de 2011.

e no Rio – cineastas negras – Joelzito Araujo – ganhador de Kikitos – Filhas do Vento

Nascido em Nanuque, cidade do nordeste de Minas Gerais, o cineasta Joel Zito Araújo conta que, das telas de um pequeno cinema local, assistia, ainda menino, a obras-primas de grandes nomes do cinema mundial. "Lá conheci o trabalho de Antonioni, Fellini, Glauber Rocha", recorda-se. O jovem cinéfilo não imaginava é que, algumas décadas e 24 documentários depois, ele estaria alçando vôo, de outra cidadezinha mineira - Lavras Novas, onde foram instaladas as locações de Filhas do Vento -, rumo ao sucesso nacional e internacional. E protagonizando um fato inédito no cinema brasileiro. Dirigindo um elenco recheado de artistas de peso, como Milton Gonçalves, Ruth de Souza, Léa Garcia, Taís Araújo, Thalma de Freitas, Rocco Pitanga, Maria Ceíça, Zózimo Bubul, Daniela Ornelas, Cadu Carneiro e Jonas Bloch - os seis primeiros tendo faturado, junto com o diretor, nada mais nada menos que oito Kikitos (estatueta oferecida aos vencedores) do Festival de Cinema de Gramado -, Joel Zito, antes de mostrar a que veio, no circuito cinematográfico doméstico, surpreendeu a crítica e o público dos Estados Unidos.

"Sofri para realizar este filme. Os patrocínios são para os produtores que nos vêem como uma sociedade miscigenada sem problemas raciais"

9) o negro estereotipado – cidade de Deus, a discussão “Sexo e as negras”

A restrição ao filme no Brasil é só exemplo de um paradoxo muito nítido, ao menos para nós, negras e negros brasileiros: somos 53% da população do País, mas, se não for de maneira estereotipada (negro como bandido, negra extremamente sexualizada), não nos vemos nas produções cinematográficas e teledramáticas nacionais.

10) cineclubes

Texto extraído do manual de cineclubista de Felipe Macedo

“Mais de 90% dos municípios brasileiros não têm cinema, e mesmo nas grandes cidades, o mesmo percentual de exclusão se aplica ao público: menos de 10% da população brasileira vão ao cinema pelo menos uma vez por ano. E esse cinema é aquele produzido no famoso distrito da cidade de Los Angeles, Hollywood, onde se concentra a indústria que controla 85% dos mercados cinematográficos de todo o mundo. Sem discutir aqui a sua qualidade, esse “produto” ocupa, de forma predatória, todo o espaço cultural, procurando substituir o imaginário do nosso povo, sufocando qualquer outra expressão e matando toda diversidade. Pois dentre esses 10% da população que vão ao cinema, são cerca de 10% os que vêem um filme brasileiro ou de outra nacionalidade, inclusive os filmes americanos não produzidos pelas grandes corporações hollywoodianas. Em outras palavras, só 1% dos brasileiros têm algum contato com filmes brasileiros e de todo o resto do mundo, somados.

Uma nação – e o Brasil é um dos países do mundo com maior riqueza e diversidade cultural - não pode existir em sua plenitude sem se expressar artística e culturalmente com toda liberdade. Um povo definha, se amofina, quando não cria, não se expressa. E isso só se realiza quando sua expressão circula, dialoga, é partilhada, quando a criação alimenta e se alimenta da expressão de seus iguais. Comunicação é um processo que exige emissores e receptores. E se isso é verdade para todas as formas de expressão: a música, a dança, o teatro, a literatura, também é um fato que, atualmente, o audiovisual é o recurso de comunicação mais geral e comum, que atinge praticamente todos os habitantes da Terra. Hoje, mais que nunca, um país que não tem cinema – ou onde o povo não se vê nas telas, não ocupa as telas – não pode desenvolver e afirmar inteiramente sua própria identidade. O Brasil, infelizmente, é povoado por uma grande maioria de “sem-telas”.

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclubes.com.br

Quando falamos em cinema - e em telas - estamos usando a palavra no seu sentido mais amplo: “cinema” é o nome mais tradicional para as formas de expressão e comunicação que usam a imagem em movimento e os recursos audiovisuais para comunicar. O cinema, aqui, é essa *linguagem* que, com algumas variações, se emprega nas películas de celulóide exibidas nos cinema, nos sinais eletrônicos que distribuem as imagens de televisão, nos DVDs, na internet, nos computadores, nos celulares. E também nesse sentido, a maioria da população, se não está totalmente excluída do processo, fica relegada a uma “periferia” do acesso, aos produtos chamados “de massa”, de qualidade inferior: 5% da população têm acesso à televisão por assinatura, uma ínfima minoria dispõe dos melhores recursos possíveis da telefonia celular. A maioria não escolhe, apenas recebe uma programação uniforme e, em geral, de baixíssima qualidade. Ou seja, além da condição de sem-tela, a grande maioria dos brasileiros constitui o que De Sanctis¹ chamou de *proletariado dos meios de comunicação*, num mundo que não se divide apenas entre os que tudo têm e os que nada possuem, mas também entre os “que têm acesso ao saber e os que estão marginalizados do conhecimento”.

Por tudo isso, o cineclubismo tem um papel vital, como dissemos, na ocupação dessas telas, na organização e na integração do público no processo de comunicação audiovisual, através da criação de cineclubes em todos os municípios brasileiros, em cada bairro das cidades maiores, em cada escola, em cada profissão, em todo lugar onde há vida, inteligência e arte para se desfrutar, para se compartilhar.

Para cumprir essa segunda grande meta do programa dos cineclubes é indispensável a iniciativa do Estado, numa política pública de verdade, que assegure, pelo menos, três grandes eixos – ou um tripé, já que falamos de cinema. Só pode haver uma rede nacional de cineclubes se: a) eles tiverem acesso ao equipamento para desenvolver sua atividade; b) se houver uma ampla acessibilidade a filmes para serem exibidos, e c) se for estabelecido um plano de formação de organizadores, de

¹ Filippo M. De Sanctis, teórico cineclubista italiano

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclube.com.br

animadores e multiplicadores capazes de levar esse “saber fazer” para todos os cantos do País. “

Visão geral sobre fotografia;

Consultar apostila do Curso Básico de Fotografia de Daniel Barboza no site do Portal Afro – Portal Afro Web TV -

Para os alunos pesquisarem

- a) visão geral sobre a história da tv no Brasil
 - 1) a primeira transmissão feita no Brasil
 - 2) as primeiras telenovelas - (da radionovela x televisão)
 - 3) a linguagem das telenovelas e o impacto na população (merchandasing)
 - 4) a venda de novelas para fora do Brasil (Angola, Moçambique, outros países do mundo e a procura pelo jeito brasileiro de vestir, etc)
 - 5) a primeira novela feita no continente africano exibida no Brasil
 - 6) o Ibope x telenovelas
 - 7) reality show
 - 8) a série raízes americana e o impacto na diáspora
 - 9)

- 1) Capitação de imagens de vídeo e fotos através de recursos disponível dos alunos, tipo celulares, câmeras e filmadoras
 - 1.1) linguagens de vídeo(narração em off, apresentação por um personagem, coloração, desfoque e blur para cenas que remetem ao passado)
 - 1.1.a) tipos de filme - documentário, ficção, vídeo clip, época
 - 1.1.1) tipos de imagens - analógica e digital
 - 1.2) foto digital e formatos de vídeo digital
 - 2) edição de imagens e vídeos para colocar na web tv
 - 2.1) as plataformas – mac, pc, e outros
 - 2.2) os softwares
- 3) como funciona uma web tv -
 - 3.1) tv digital – conceito
 - 3.2) histórico das webtvs
 - 3.3) como montar uma programação de uma web tv

Escritório - Largo do Paissandu, 72 sala 1309 13 andar Centro

Fone: (11) 3227-6626 – www.portalafro.com.br

Centro de Treinamento – R. Maria Luiza de Pinho, 113 – Mooca

E-mail: contatos@esperancaesporteclube.com.br